

A PROPÓSITO DUM CONJUNTO DE MOEDAS DE MALACCA

PELO DR. R. HANITSCH.

TRADUÇÃO DE

LUÍS PINTO GARCIA.

Autorizada pelo Presidente e Direcção da Secção Malaia
da Real Sociedade Asiática.

À GUIA DE PREFÁCIO

Há quase cinquenta anos que foram publicados os dois artigos que oferecemos agora ao leitor em versão portuguesa. Saíram ambos a lume no Journal of the Straits Branch (agora Malayan Branch) of the Royal Asiatic Society, respectivamente nos n.ºs 39, de Junho de 1903, págs. 183-202, e 44, de Julho de 1905, págs. 213-216, com os títulos originaes On a collection of coins from Malacca e On a second collection of coins from Malacca. Apesar de citados, principalmente o primeiro, eram, pode-se afirmar, inteiramente desconhecidos em Portugal.

Foi seu autor o Dr. Hanitsch que, no período dos achados — 1900 e 1904 —, se encontrava na Península de Malaca como funcionário.

K. R. Hanitsch era alemão, pois nasceu na cidade de Altenburgo, capital do ducado de Saxe — Altenburgo, no ano de 1860. Graduado em Ciências pela Universidade de Iena, onde foi discípulo dilecto do grande naturalista germânico Ernesto Haeckel, veio para Inglaterra, tornando-se demonstrador de Zoologia da Universidade de Liverpool. Em 1895, já em Singapura, foi nomeado conservador e bibliotecário do Museu e Biblioteca Raffles. Trabalhando afincadamente em todas as secções do Museu, ficou-lhe este estabelecimento a dever grande parte do seu desenvolvimento durante os 24 anos de desempenho das suas funções (1895-1919).

Dedicando-se apaixonadamente à Entomologia, em que foi internacionalmente conhecido, deixou um estudo profundo sobre os Blattidae (baratas malaio).

De volta à Europa em 1919, fixou residência em Oxford, onde faleceu em 13 de Agosto de 1940, com 80 anos de idade, portanto.

Foi membro honorário da Royal Asiatic Society, onde havia ingressado como sócio ordinário em 1895, sendo eleito membro vitalício em 1920. Igualmente elemento activo dos seus corpos directivos, foi conselheiro de 1897 a 1919, tesoureiro de 1898 a 1906, 1910-1911 e de 1914 a 1919, e secretário em 1912-1913.

Era Mestre em Artes «honoris causa» pela Universidade de Oxford.

L. P. G.

I

Há cerca de 3 anos, ⁽¹⁾ durante umas excavações perto da foz do rio Malaca, foi encontrada uma considerável quantidade de moedas espalhadas pelo lodo. Foram reunidas e entregues ao Senhor W. Egerton, ilustre Residente de Malaca ao tempo e, por sua vez, oferecidas por ele ao Museu Raffles ⁽²⁾. Verificou-se ser o conjunto do maior interesse. Continua moedas tanto de origem asiática como europeia, sendo estas portuguesas, holandesas e inglesas, e envolvendo, praticamente, toda a história das várias ocupações europeias de Malaca. Cobriam assim um período de aproximadamente 400 anos.

As moedas mais interessantes são as de origem portuguesa, todas de estanho. São elas provavelmente, únicas, pois o Museu Britânico não possui nenhuma e numerosas indagações a que procedi a seu respeito em vários pontos, incluindo Lisboa, não deram qualquer resultado. A propósito da sua descoberta o Senhor Egerton escreve:

« As moedas de Malaca foram encontradas ao abrir um canal da foz do rio em direcção ao mar. Para lá da foz há uma lagoa profunda e, para além dela, um banco que fica submerso com a preamar e que se estende meia milha ou mais para o mar. Foi neste banco que as moedas se acharam, disseminadas por pequenas cavidades. No banco existiam detritos caseiros, louça partida, velhas ferragens, tijolos, louça de barro, etc.. Suponho que neste banco tivesse havido edifícios construídos sobre estacas, como os que agora se vêem junto à costa, ou, possivelmente, todos estes restos foram lançados de bordo de navios ancorados, ou depositados fora do rio. Muitas das moedas foram achadas nas primeiras cem jardas para lá da grande lagoa acima referida. Lá devem estar muitas ainda ».

1.º — AS MOEDAS ASIÁTICAS

Está provado que existiam em Malaca moedas de estanho, cunhadas pelos habitantes da praça antes da chegada ali dos portugueses, por certas descrições dos *Commentarios* de Albuquerque (12) ⁽³⁾, mas o facto parece

(1) 1900.

(2) De Singapura. — *N. N. do T.*

(3) Estes números referem-se à bibliografia inserta no fim deste trabalho. — *N. do A.*

ter escapado aos numismatas, porque Millies (12), pág. 140, falando das moedas correntes na Península de Malaca, diz: «O próprio Estado tão célebre de Malaca, que tinha chegado ao seu apogeu no começo do século XVI, quando caiu sob a poderosa força material e heróica dos portugueses, não nos deixou nenhum monumento numismático conhecido e nós nem mesmo sabemos se este Estado Malaio possuía já uma moeda própria» (1). Nisto está certamente Millies enganado, porque nos *Commentarios* de Albuquerque (2), vol. III, pág. 77, se acha a citação duma moeda nativa quando conta como o rei Xaquendarxa (isto é, o Xá Iskander), soberano de Malaca, foi visitar o rei da China, por desejar tornar-se seu vassalo, levando consigo muitos presentes, recebeu em troca, entre outros privilégios, licença para cunhar moeda de estanho miúda «a qual moeda ele mandou lavar tanto que chegou a Malaca, e pôs-lhe nome *Caixes* que são como os nossos» (isto é, portugueses) «*Ceitis*, e cento deles valiam um *Calaim*, e cada *Calaim* valia por lei posta onze *réis*, e quatro *Ceitis*. A prata, e o ouro não se tratava por moeda, senão por mercadoria». O facto que Malaca possuía moedas de estanho nativas na altura da chegada dos portugueses torna-se indiscutível quando tomamos conhecimento que Albuquerque, após a ocupação de Malaca, cunhou moeda em nome do seu rei D. Manuel «por apagar a moeda dos Mouros, e lançar suas prantes, e nome fora da terra» e que, logo após as novas moedas estarem prontas, ordenou «que todos os Mouros, que a tivessem do Rei de Malaca, a levassem logo ali» (isto é, à Casa da Moeda) «sob pena de morte; e veio tanta quantidade dela por medo da pena que lhes era posta, que os oficiais não se podiam valer com o despacho» (vol. III, pág. 138).

Lamento não poder provar duma maneira concreta que o conjunto realmente contenha moedas daquele primitivo período. Há cerca de 150 moedas de estanho com legendas árabes, porém, as poucas que estão bastante nítidas para serem decifradas, são de data muito posterior. Pode ser que as muito saídas e deterioradas pertençam à época anterior à chegada dos portugueses (2).

.....
O conjunto também possui algumas moedas chinesas, *cash*, que estão muito corroídas para poderem ser identificadas.

(1) Original em língua francesa.—*N. do T.*

(2) Segue-se a descrição das moedas orientais referidas, que não traduzimos.
— *N. do T.*

2.º — AS MOEDAS EUROPEIAS

a) PORTUGUESAS

As moedas europeias achadas em Malaca são portuguesas, holandesas e inglesas e, como disse antes, as suas datas envolvem todo o período da ocupação daquela praça por estas três nações.

Malaca foi conquistada pelos portugueses comandados por Albuquerque em 1511 e conservada por eles até 1641. Os reis de Portugal durante esse período foram:

D. Manuel (1495-1521)

D. João III (1521-1557)

D. Sebastião (1557-1578)

e quatro ⁽¹⁾ outros dos quais não há necessidade de nos referirmos neste trabalho. De 1641 a 1795 os holandeses mantiveram-se ali, de 1795 a 1818 os ingleses, de 1818 a 1824 novamente os holandeses, e desde então os ingleses.

As moedas do conjunto em questão, que datam da época da primeira ocupação holandesa, são todas mais ou menos conhecidas, mas o mesmo já não se dá com um grande número de moedas de estanho cunhadas pelos portugueses na própria Malaca. De facto, como eu disse anteriormente, parece duvidoso que alguma destas seja hoje conhecida. Contudo a notícia da primeira casa da moeda estabelecida por Albuquerque em Malaca dada nos seus *Commentarios* e transcrita mais adiante, não deixa dúvidas quanto à sua identificação.

Esta casa da moeda foi a única aberta em Malaca por europeus. Foi em 1511 logo após a conquista da praça. No ano anterior, 1510, Albuquerque tinha conquistado Goa e ali fundado uma casa da moeda, e por isso, como as circunstâncias que presidiram à abertura das duas oficinas foram idênticas, e, desde que, como se demonstrara posteriormente, as moedas de Malaca foram batidas segundo os mesmos modelos que as de Goa, embora de metais diferentes, deve-se em primeiro lugar descrever resumidamente a história da fundação da Casa da Moeda de Goa.

(1) O autor diz erradamente *four*. — *N. do T.*

Imediatamente depois da tomada de Goa em 1510 os notáveis mouros e indús do país dirigiram-se a Albuquerque e contaram-lhe como o comércio daqueles povos sofria por não haver moeda corrente própria, pedindo-lhe para cunhar algum dinheiro ou, pelo menos, para consentir que a moeda do Cabaio (1), o soberano anterior, que tinha sido proibida, se tornasse corrente. Em consequência disto, Albuquerque convocou uma reunião de ourives, peritos portugueses e mercadores nativos e discutiu o assunto, depois do que ordenou que se emitisse dinheiro em ouro, prata e cobre, o qual num lado teria a cruz da Ordem de Cristo e no outro uma esfera — o emblema do rei D. Manuel —. Logo que o dinheiro se cunhou (12 de Março de 1510) Albuquerque «mandou logo trazer a bandeira real, e as trombetas, e atabales, e ajuntar toda a gente da Armada e a Tristão D'Ega, que a fosse apregoar, e elle se foi com toda esta gente por toda a cidade, e a cada pregão que se dava, lançavam muita moeda por cima do povo, que era muito, e foi assim nesta ordem correndo toda a cidade» (vol. II, pág. 131).

Quando alguns meses depois Goa foi retomada pelos mouros, Albuquerque teve que a reconquistar e estabelecer ali uma nova casa da moeda (vol. III, pág. 41).

Albuquerque chegou diante de Malaca nos meados de Junho de 1511, fez o primeiro ataque a 25 de Julho, conquistou-a em Agosto e depois tomou rápidas medidas para restaurar a ordem na praça, tendo-lhe Ninachatu, um rico mercador indú, prestado os maiores serviços neste capítulo. Ninachatu e alguns dos «governadores da terra» depressa se aproximaram de Albuquerque e lhe disseram que o povo sofria graves inconvenientes com a falta de moeda corrente e solicitaram-lhe que ordenasse se fizesse qualquer emissão. Logo Albuquerque convocou mercadores, os governadores e os principais homens da cidade e combinou com eles o lavramento de moedas de ouro, prata e estanho, ficando as moedas de estanho a substituir as de cobre de Goa, aproveitando-se assim a riqueza natural de estanho da Península de Malaca. Dizemos atrás que a moeda nativa antes da chegada dos portugueses era de estanho. Exactamente ainda hoje as moedas desse metal são correntes em Trengganu e Kelantau.

A moeda de ouro chamada *Católico* pesaria um quarto de *tundia* e, entre os portugueses, valia 1.000 réis. As moedas de prata chamadas

(1) Cabaio ou Sabaio. — *N. do T.*

Malaqueses, isto é, peças de Malaca, teriam o mesmo valor de quarto de tundia ⁽¹⁾. As moedas de estanho eram de 3 denominações, a saber:

1.º — *Dinheiro* [isto é, dinheiro ⁽²⁾] a mais pequena moeda, igual a dois *caixes*, anteriormente existentes, do soberano de Malaca, trazendo a esfera do rei D. Manuel;

2.º — *Soldo* igual a dez *dinheiros*;

3.º — *Bastardo*, igual a dez *soldos*.

Abriu-se imediatamente uma casa da moeda e obrigou-se, sob pena de morte, toda a gente a entregar a antiga moeda do rei de Malaca ali para ser recunhada. Quando esta medida se executou e passou a haver suficiente quantidade de dinheiro cunhado, Albuquerque fixou o dia para a proclamação da nova moeda corrente e os principais do povo juntaram-se na fortaleza a Albuquerque com os Capitães, Fidalgos e Cavaleiros da Armada para formarem uma procissão que percorreria a cidade. A descrição feita desta procissão e da proclamação é tão interessante e pitoresca que a dou textualmente:

«Ia deante de todo o povo um dos principais governadores da Cidade em cima dum Alifante com seu castelo emparamentado de seda, e levava nas mãos uma bandeira das armas d'El-Rei de Portugal em uma haste comprida, e após ele ia todo o povo a pé duma parte, e da outra como em procissão, e no meio desta gente ia um Mouro em cima doutro Alifante, emparamentado também de seda, dando os pregões, e após ele as trombetas, e atrás dela os Governadores da Cidade e todos os Mercadores, e principais homens dela, e no couce desta gente iam, António de Sousa, filho de João de Sousa de Santarém, e o filho de Ninachatu ambos juntos em um Alifante grande que fora da pessoa do rei com seu castelo emparamentado de panos de brocado, e levavam consigo muita soma de moeda de ouro, prata e estanho ⁽³⁾, que lançavam por cima de todo o povo, a cada pregão que o Mouro dava, o qual era tanto que não cabia pelas ruas e com muitos cantares e tangeres à sua

(1) «... e que tivesse o mesmo preço de quarto de *tundia*...» dizem os *Commentarios*.

(2) No original *money*. — *N. N. do T.*.

(3) Isto é provavelmente um erro, pois nenhuma moeda de cobre de Malaca são mencionadas anteriormente. Verosimilmente quere-se dizer moedas de estanho. — *N. do T.*. No original inglês transcrito por Hanitsch está incompreensivelmente *copper*! — *N. do T.*.

usança, davam grandes louvores a Afonso Dalboquerque pela mandar por conselho, e parecer de seus naturais» (vol. III, pág. 141). A notícia desta primitiva casa da moeda de Malaca é também dada por Dauvers (5), vol. I, pág. 230 e Stephens (15), pág. 152.

Além destas duas oficinas de Goa e Malaca, outras os portugueses fundaram em Ceilão, Cochim, Diu, Baçaím, Damão e Chaúl. As letras monetárias de seis destas cidades são as seguintes segundo Cunha (4), parte I ⁽¹⁾, pág. 273, parte III ⁽¹⁾, pág. 202 e parte IV ⁽¹⁾, pág. 21:

G ou G — A	Goa
M ou M — A	Malaca
C — LO	Ceilão
D	Damão
D ou D — O	Diu
B	Baçaím

Finalmente a letra A que se encontra nalgumas moedas supõe-se significar *Ásia* (ver Cunha, parte I, pág. 271), mas sugere-se também que signifique *Albuquerque*.

Cunha ⁽²⁾, a primeira autoridade sobre este assunto, alude às muitas dificuldades que o estudo das moedas cunhadas por estas casas da moeda apresenta, e afirma que as moedas foram emitidas pelos vice-reis ou mesmo pelos funcionários da Casa da Moeda da maneira mais caprichosa e que elas frequentemente ostentavam desenhos e effigies que não se relacionavam de maneira nenhuma com os monarcas reinantes dos períodos em que foram lavradas e ainda que, algumas delas, foram cunhadas anos depois dos reis, cujos bustos traziam, terem falecido (4), parte I, pág. 267. Cunha continua: «Mas estas dificuldades elevaram-se ao décuplo devido à falta absoluta de espécimes do primeiro período do governo português na Índia, sendo deficientemente supridos por alguns relatórios oficiais ou memórias particulares. Se as moedas dos séculos XVI, XVII e XVIII são escassas, os documentos escritos, que a elas se referem, são raros ou deficientes».

Para Valentyn (16) elas parecem ter sido inteiramente desconhe-

(1) Respectivamente fascículos I, III e IV. A paginação referida é a do *Journal of Straits Branch of the Royal Asiatic Society* e não da separata das *Contributions...* saída em 1883. — *N. do T.*

(2) Dr. José Gerson da Cunha. — *N. do T.*

cidas. Millies (12), pág. 140, diz: «Um dos verdadeiros monumentos da vitória do grande Afonso d'Albuquerque — a moeda que ele fez bater em Malaca — desapareceu de tal maneira, que nos tem sido completamente impossível descobrir um exemplar» (1). Birch (2) numa nota nos *Commentarios* de Albuquerque, vol. II, pág. 130, refere-se, quanto a descrições das primitivas moedas portuguesas, às obras de Faria (6) e Fernandes (8) e assevera que «as próprias moedas são tão raras que quase se podem descrever como já não existentes» e que aqueles escritores não reproduziram nenhuma delas. Eu não consegui ver as obras de Faria e Fernandes, mas satisfaz-me dizer que o conjunto exumado em Malaca contém algumas dessas primitivas moedas e, sem dúvida, algumas delas podem ser espécimes idênticos àqueles que Albuquerque lançou sobre a multidão admirada durante a procissão e a proclamação da nova emissão de Malaca em 1511.

Os mais antigos espécimes são três moedas em muito bom estado de conservação pertencentes ao reinado de D. Manuel, que governava quando Malaca foi tomada. O seu diâmetro é de 30 mm. ou 1 polegada e $\frac{3}{16}$ e o seu peso 10,3 a 10,8 gramas e, portanto, provavelmente, *bastardos*. Têm no anverso as armas portuguesas e em volta a legenda

EWANVEL (2) : R : P : ET : A : DOVINE (5)

A segunda e quarta letras da primeira palavra estão invertidas e a última palavra, com cinco ou seis (4) letras, está menos nítida do que as restantes. Podia significar DOMINE (5). A significação dos outros caracteres é de facto *Emanuel* (6) *Rex Portugaliae et Algarbiorum* (7). Os Algarves foram primeiramente conquistados pelos portugueses cerca de 1188 e o seu nome é ainda mencionado nas moedas actuais (8).

(1) Texto em francês.

(2) Na moeda está + I : E~~W~~ANVEL :

(3) Erro de leitura do autor, seguido de outro, como se verá na referência do texto. — *N. do T.*

(4) São perfeitamente visíveis seis.

(5) No exemplar fotografado lê-se perfeitamente D GVINE. Veja-se igualmente a observação feita em nota, por J. Schulman, do exemplar n.º 1.296 no catálogo da colecção Grogan — *Collection Henry Thomas Grogan* — Amesterdão — Fevereiro de 1914. O que não está bem visível é o *n*, não se percebendo se está N ou se está Ñ.

(6) *I Emanuel (Primus Emanuel)*.

(7) ... *Dominus Guineae*.

(8) 1903. — *N. do T.*

O reverso da moeda traz a esfera—o emblema do rei D. Manuel—como as moedas batidas em Goa. O emblema da esfera é usado propositadamente como um símbolo das gloriosas conquistas universais de Portugal (vide lam. 1, figs. 2 e 2.^a).

Albuquerque morreu fora de Goa em 16 de Dezembro de 1515 e o rei D. Manuel em 1521. Do reinado do soberano seguinte, D. João III — 1521-1557 — estão representados no conjunto entre 50 a 60 moedas. A primeira espécie, provavelmente o *Soldo* (módulo 24 mm. ou $\frac{15}{16}$ de polegada com o peso de 3,2 a 3,9 gramas) é de cunho muito nítido, trazendo no anverso uma cruz e em volta a legenda.

IOA:III:POR:ET:AL:R:

isto é, *Ioannes III Portugaliae et Algarbiorum Rex* e no reverso a costumada esfera. Esta moeda de estanho condiz, por conseguinte, exactamente com a descrição das moedas de ouro, prata e cobre cunhadas em Goa que tinham duma parte «uma cruz de Cristus, e da outra uma esfera (divisa d'El-Rei D. Manuel)». Desta moeda há sòmente três espécimes (lam. II, figs. 9 e 9.^a).

Outra espécie, da qual há 15 espécimes, assemelha-se a esta última em todos os detalhes, excepto o fabrico que é muito mais grosseiro e a cruz que é ligeiramente diferente como se vê:



Dum módulo mais pequeno do que esta moeda, provavelmente *Dinheiro*, há aproximadamente 40 espécimes, alguns deles em muito bom estado de conservação. O módulo é de 19 mm. ou $\frac{5}{4}$ de polegada e o peso de 2 a 2,3 gramas. O anverso tem em volta da cruz a legenda

IOA:III:POR:ET:AL.

O reverso tem a esfera (lam. II, figs. 10 e 10.^a).

Há algumas moedas que no anverso, em volta das armas, mostram a legenda assim:

IOANNES.R.P.ET.AL.D.G.

isto é, *Ioannes Rex Portugaliae et Algarbiorum Dei Gratia* e no reverso a esfera. Se bem que não especifiquem claramente serem de D. João III, não há dúvida nenhuma que elas igualmente pertencem ao seu reinado e não ao de D. João IV — 1640-1656 —, no 2.º ano do qual os portugueses perderam Malaca, nem ao de D. João V — 1706-1750 —. Destas há 20 espécimes, mas muitas em mau estado de conservação. O seu módulo é de 24 mm. ou $\frac{15}{16}$ de polegada e o peso 6,3 a 6,4 gramas (lam. II, fig. 8 a 8.ª).

Uma moeda mais pequena, de que há 2 espécimes, tem no anverso a cruz com as letras I S M A nos seus quatro ângulos, e no reverso novamente a esfera. Estas letras, com todas as probabilidades, significam *Ioannes Malaca*, mostrando que a moeda foi batida em Malaca por um rei João, provavelmente ainda D. João III. A cruz é muito semelhante à cruz de certas moedas desenhadas por Cunha (Parte I, lam. I, figs. 3, 4 e 7) das casas da moeda de Goa e Diu e aparentemente pertencendo ao século dezoito. O módulo é de 17,5 ou $\frac{11}{16}$ de polegada e o seu peso 3,8 a 3,9 gramas (lam. II, figs. 13 a 13.ª).

Pertencendo provavelmente ao reinado do soberano seguinte, D. Sebastião — 1557-1578 —, há 6 espécimes duma moeda de grandes dimensões que tem no anverso as duas letras S. B. com três setas cruzadas entre elas, e no reverso as armas. O S quer significar *Sebastião* e a letra B pode significar *Baçaím*, uma das cidades com oficina monetária, ou *Bastardo*, a denominação da maior moeda de estanho. As setas são o símbolo do martírio de S. Sebastião, nome que vejo a ser dado ao rei. O módulo da moeda é de 30 mm. ou 1 polegada e $\frac{3}{16}$ e o peso 11,3 a 11,9 gramas (lam. I, figs. 4 e 4.ª).

Outra moeda que tem foros de pertencer também a este reinado ostenta no anverso as letras B e A com 3 setas cruzadas entre elas, e no reverso a esfera. A moeda é muito pequena para a letra B significar *Bastardo* e é, provavelmente, a marca monetária de *Baçaím*, enquanto que a letra A pode significar *Ásia* ou *Albuquerque* (vide a pág. 190) (1).

As três setas cruzadas mostram que a moeda foi cunhada durante o reinado de D. Sebastião, como a moeda anterior e é muito provável que os dois pontos sobre aquelas indiquem o seu valor em *dinheiros*. Encontraram-se 8 espécimes: módulo 17 mm. ou $\frac{11}{16}$ de polegada e peso 3,5 a 3,7 gramas (lam. II, figs. 12 e 12.ª).

A moeda fotogravada na lâmina 1, fig. 1, de que há somente um espécime, foi provavelmente cunhada em Goa, porque o seu anverso traz

(1) Paginação do original. Na tradução pág. 112. — N. do T.

um emblema muito semelhante à roda, o símbolo do martírio de Santa Catarina, padroeira de Goa. Esta roda é muitas vezes achada nas moedas batidas nesta última cidade, comemorando a sua conquista pelos portugueses no dia do seu santo nome, 25 de Novembro (de 1510). O reverso é completamente liso. Módulo: 27 mm. ou 1 polegada e $\frac{1}{16}$ e o peso de 8,9 gramas.

Uma moeda pequena, representada por 5 espécimes, mostra no anverso as armas e no reverso um navio, mas legendas de espécie nenhuma. Módulo: 18 mm. ou $\frac{3}{4}$ de polegada; peso: 2,2 a 2,4 gramas (lam. I, figs. 6 e 6.^a).

Uma outra moeda consideravelmente maior mostra no anverso as armas e no reverso a esfera e, igualmente, sem legendas. Há dela 5 espécimes. Módulo: 28 mm. ou 1 polegada e $\frac{1}{8}$; peso: 10 a 11,2 gramas (lam. I, figs. 3 e 3.^a).

Por fim existe nma moeda, representada apenas por 1 espécime, ostentando no anverso umas armas pequenas rodeadas por grandes letras romanas profundamente gravadas, e no reverso a esfera. Não obstante as letras estarem profundamente gravadas, como digo, e pouco gastas, são tão grosseiras que os meus esforços para as ler não têm tido sucesso. Módulo: 24 mm. ou $\frac{15}{16}$ de polegada; peso: 3,7 gramas (lam. II, fig. 7) (1).

.

(1) O capítulo seguinte trata de moedas holandesas, francesas e inglesas.—*N. do T.*